

# RECEITA DE RAPADURA

CRÔNICA NO ENGENHO

Elias Rodrigues de Oliveira



# APRESENTAÇÃO

# RECEITA DE RAPADURA

## CRÔNICA NO ENGENHO

**RECEITA DE RAPADURA** na forma de crônica relata vivências e memórias da minha infância no entorno do engenho de cana puxado à boi no ambiente da agricultura familiar mineira.

Em 2013 publiquei poemas no livro CORPOINTEIRO, premiado pela Fundação Biblioteca Nacional. Em 2014 publiquei POEPROSA, um livro de contos e memórias no formato e-book. Agora em 2015 compartilho esta RECEITA que tem entre seus ingredientes muitas fotos expressivas do ambiente rural.

**Elias Rodrigues de Oliveira**

[eliasro@aviva.org.br](mailto:eliasro@aviva.org.br)   [www.blog-ero.net](http://www.blog-ero.net)

Elias Rodrigues de Oliveira

# ÍNDICE

RECEITA DE RAPADURA

APRESENTAÇÃO

RECEITA DE RAPADURA

SOBRE O AUTOR

CRÔNICA NO ENGENHO

IMAGOZOI

Belo Horizonte, 2015



Lá em casa... Fazenda Paraopeba - Entre Folhas - MG. 1951-1963

## RECEITA DE RAPADURA

### CRÔNICA

Acho que Rapadura se faz no tempo de frio, era muito frio no tempo de Rapadura. Não sei ao certo, saí da roça antes de “saber ao certo”, de qualquer forma de nada adiantaria aquele saber, pois aquela roça já não existe mais.

Os que por lá ficaram já não fazem mais aquelas Rapaduras. O engenho morreu e suas peças e partes bonitas se espalharam e até hoje estão se perdendo pela fazenda. Uma tabuleta, um varão, uma chaminé sem cheiro, sem fumaça e até sem as labaredas que se jogavam pro céu quando estavam muito animadas na última tachada quando já era noite alta e o Joaquim com o Zequias contavam casos, olhando pro fogo, evitando fumaça nos olhos.



A noite acendia os vaga-lumes, ventos ascendiam faíscas nos céus... juntos voavam confundindo estrelas e enganando o frio.

Dinoite é que se vê a luz, constelações... didia a gente vê as coisas: cuia, rodo, ramunhol, outros apetrechos que esqueci o nome e a escumadeira de cabo longo está enfiada sob o telhado do casarão. Telhado do engenho não existe mais. Coisas que um irmão pediu de lembrança, outra irmã levou pra enfeitar o apartamento... Depois dizem pra mãe que estas coisas valem muito na cidade -valem como antigüidade.

Lá, tinham propriedade e serviam pra fazer coisas: Rapadura -de ano em ano faziam Rapadura. Renasciam. Desempoeiravam-se. Perdiam o azinhavre e brilhavam sob o limão e sol e se enchiam de abelha e brilho.

Mãe continua lá guardando estas coisas todas. Lá... Aguardando até não poder mais, não sabendo mais “pra quê” e nem sabendo perde-las de vez; guardadas como lembretes - memórias - ilustração das histórias que um dia vai contar pra Deus, pr’um juízo final -já que tudo tem um fim, que tenha também juízo! Isso de juízo, sempre foi ensinado e desejado, lá.



Ouvia-se dizer, comentava-se e um dia se marcava o dia-de-cortarcana, de trazer os bois da outra fazenda. Que alegria rever aqueles bois que estavam quase esquecidos! Tinha por eles como uma amizade: o Marajó o Dorado o Preto que voltou com um sino na ponta do chifre... o Pai pois nele pra achar fácil na escuridão da madrugada, no lusco-fusco do breu.

Eu também gosto da madrugada -antes de dormir -meu pai gostava da madrugada depois de dormir -são gostos...

Eu quase não dormia na noite antes do Dia, tinha medo de não acordar cedo. Alguém, certa noite, cantava pela estrada passando pelo pasto, era o Zequias da Lodi, pensei, -pulei e fui ver do terreiro -Ô Zequia!: Não era não! Voltei assustado e tranquei a porta: ainda não era madrugada. Era um cachaceiro ou gente-alegre-mesmo que voltava alegre da Rua... ainda era noite alta e eu eu dormi até a estrela d'alva alvorecer.

Cedinho era um frio danado, um café-com-leite pelando no terreiro da cozinha, de costas esquentando-sol e olhando a sombra longa descendo o barranco onde a gente mijava dimanhã cedinho. Mijava fazendo fumaça -isso era pouco tempo. Depressa, rapi, tinha

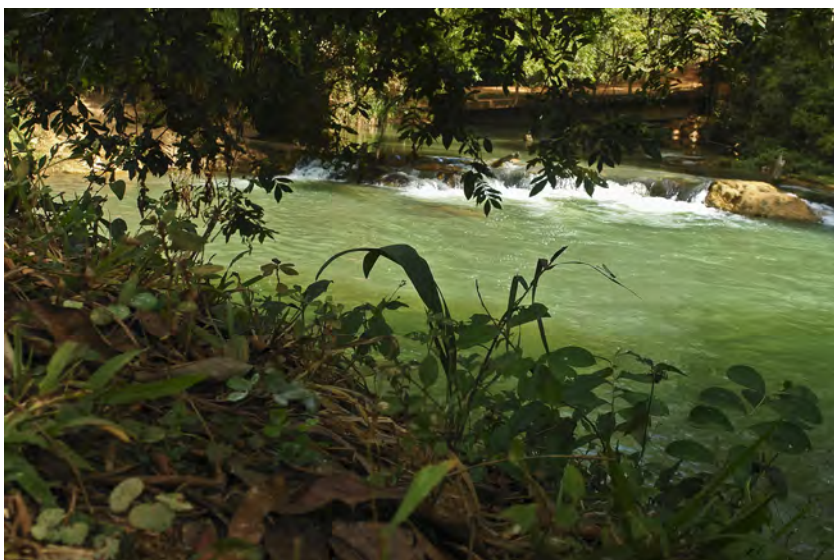


que pegar um cavalo ou mula ou a égua Baiana para -em pelo- buscar os bois... Ou, dependendo do dia, ia logo a pé e sem café, buscar.

Pasto alto, frio, capim de orvalho frio, trilha de boi, fria: É correr pra esquentar! O pé orvalhava, esfriava, doía e adormecia dormente, corria e esquecia a dor, unha-de-gato arranhava pra lembrar. Capim-gordura amaciava e melava colento. Era raro boi comer capim-gordura -cabrito é que gosta. É difícil andar morro-abaixo no capim gordura, a gente se afunda, morro-acima nem pensar -melhor dar a volta. Difícil era achar os bois dentro das moitas cerradas: aí o sino ajudava: tlim tlim...: meu Pai era sabido!

A Batucada andava com tapa-olho pra não pegar, -pegava. Pegava muito! quando tinha bezerro-novo. Pelo-de-rato tomava bezerro das vacas paridas, tinha que laçar esta mula pra modos de recuperar o bezerrinho -esquisito, né não? A mula zurrava, a vaca lambia todo o longo do lombo do filhote... Ele, rabo levantado em bandeirola, se escapava do de perto. Rodeando em volta, volteando ia... voltava.

Pelos vales correm córregos e ares frios, tremem, brumam os matinhos parados, as gélidas bolinhas de orvalho caem serenamente.



Para os altos sobe o gado como sobem os ares mornos, acomodam-se deitando lado-a-lado sobre os lajões-de-pedra-quente. Nas moitas quietas, sobre colchões de capim morto -por tantas noites ali amassado. Ruminam à olhos fechando -os bois.

Manhãzinha, era bom achar os bois...  
Como era bom achar os bois!

Um pasto, outro, todos morro-alto, subia-descia-subia, trilhas, eu gritava perguntando para alguém lá na Casa-Grande, ou alguém no pasto-paredão ali em frente:

-Ôh !!! ôhhh -o eco respondia.  
- Cê tá vendo os bois daí? ...ois daí? ...í?  
-Tá mais pra cima ...imal!

Estavam sempre mais pra cima! Tinha que achar, era o começo do dia, era juntar forças, poderes, vencer a muita obrigação.  
Aí os bois -subitamente, -outros ali, acolá mais um ali...



Dava vontade de ficar ali um pouco -tempo era pouco -tocava os bois que incomodados, ruminando pensamentos, bafejavam vapores quentes -uma fumaça breve e boa. Meneavam a cabeça e num só solavanco levantavam leve. Encurvavam-se colunas, urinavam-se e cagavam-se. Era ótima aquela bosta macia, quente, caída redonda, verde musgo, ondulada, ritmada, acústica na queda.

Tem um jeito de se imitar isso: cai assim: é só bater na palma da mão com 5 dedos, depois com 4, com 3, 2 e no final repicando com 1 dedo. É assim que boi caga.

Era ótima, quentinha, dava vontade de pisar e ficar quieto nela para se esquentar -pisava não, às vezes pisava sem querer, no curral a gente pisa o tempo todo -escorrega longo -depois tem que lavar o pé na bica -só depois é que se pode entrar dentro-de-casa. Juízo!

O João -

Té, era retireiro descalço, tirava até duas latas de leite por dia, enchia, se pudesse enchia mais ainda, depois voltava de pé sujo das tantas bostas e barro deste gado vacuum. Eu mirava -doía até!



Muito depois, quando quase secas; borboletas variadas amarelas pousam nelas, fazem rodas, revoam, giram coloridas se a gente passar. Passava. Coloriam o ar no entorno da gente. Às amarelas cores -todas, quase.

Agora era descer o pasto -trilhar pro curral, capim verde cobrindo veredinhas. Voltar um e outro boi desgarrado de teimoso e de sabido; contava com alguma ajuda do Tíu -cachorro pretinho, alegre, brincalhão, disposto, sabido e sem-nome, companheiro do Vaqueiro -este um cão maior, molengo, peludo e nomeado. Levavam juntos, as vacas leiteiras, madrinhas. Vaca Estrela servia de guia, muito leiteira era, impunha, sempre a boiada a seguia.

Assim é que bois descem um morro: correm, trotam -sabedoria bovina: na descida se contêm, suas unhas fendidas se abrem e seguram pelos capins, barros. Estas, as mesmas unhas-fendidas que biblicamente ruminaram uma autorização para que fossem comíveis -os bois. Morrem por puros! Já no finalzinho das descidas, aproveitam, soltam suas barrigas pesadas, cheias, trotam pelos planos até se ter início outra subida em seguida. Energia potencial-cinética-potencial... Boi sabe tudo. A boiada!





A gente corria atrás, evitando as bostas recentes e aproveitando os vapores quentes, cortava uma vara, pelava, tirava uma embira, amarrava a calça e corria. O gado cruzava água fria, esbarravam, ali parados bebiam no largo remanso, o córrego se desviava em ondas, saíam atolando as patas, aos solavancos. Sujavam a água cristalina. Isso era por pouco.

Ali eu jogava n'água cacos fazendo patinho: a pedra quicava rente-rente. Em várias ondas ia-ia pela superfície afora.

Eu ria. Eu rio.

As vacas iam berrando seus bezerros que acordavam berrando leite.

Os bois eram pegos logo ali, de fora do curral, sem maior cerimônia -bastava uma corda fazendo "oito" na cabeça, pelos chifres, um ao outro, juntar aos dois, às juntas, puxar para o engenho, para o carro, para a zorra, cada qual com sua melhor serventia, na sua melhor posição. Um dos bois -o Dorado- dava trabalho: pegador, teimoso, apanhador...



Boi treteiro apanhava de pai como se fosse menino-arteiro. Pai batia em menino como se fosse num boi: à salmoura, curava à sal... -boi gosta de sal no cocho...

O garrote preto, de apanhar de Pai, ficou coxo.  
Corria riscando pelo chão com sua perna tesa.  
Riscava, como faca de ponta  
riscando madeira de mesa.  
Sobreviveu no matagal.  
Apartada, aquela rês selvagerou de vez.

Essa classe de boi-demo trabalhava com "formiga" metida na fuça -era o jeito! -A formiga é uma peça metálica ligada a uma corda. Com este engenho prendido na fuça do boi, ele se torna dócil -outro tipo de engenho -se o boi repuxar se dói, sangra, se lambe. O boi fica leve, um menino leva..., uma pura maldade. Esse boi-de-formiga é arredio, serve pra carro só entre as juntas do meio -sujeitado.

O boi-de-engenho é manso... menino toca, mulheres ajudam, as meninas brincam com ele. Ele, quieto ou girando, girando-girando



ali -borboleteando como elas-amarelas, meio dia fica sonso -aí troca -este vai comer bagaço novo, doce, garaposo, espalhado-recém pra se secar ao sol, pra fogar a tacha -a bagaceira.

No canavial muitos homens cor/tam cana -desde cedo. Bule de café na moita, cabaça d'água na sombra a moita amoita, um pito aguardando vez na orelha, caçudadas, cantigas de moda, aboios de animar. Arre! Facão ti/nindo cana caindo! caindo! tinindo: Isso sim de cana, tanta!

Um cachorro vadio

vem visitar seu dono e se vai, magrelo de fome. Cheira de perto uma cobra morta na cerca e se vai de vez.

-”Istrudia um iscurpião mordeu Gricelo, ele num foi trabaiá”  
-Comentários, caçudadas, calças remendadas enroladas na canela, montes de cana...

Aquela gente tinha a forma certa de falar errado.

Uma boca de prosa, um cuspe aguado de fumaça amarga de fumo de rolo. Uma boca de Lodi cheia de faia.



Sô Izidoro tinha argum dente-de-ouro na boca! Tinha sempre um palito afiado apontando os dentes. Tinha sempre, entre os dentes sujos, uma fala exprimida. Depois do Pai ele mandava mais.

Pai falava pouco, ele mandava demais... Pai falava demais quando tinha raiva, sempre tinha raiva, era bruto de trabalhador, de querer o certo, de ter doze filhos pra mandar educar fora, de ter suas vontades e também, bruto de não ter tido seu pai -se via, se dizia.

Assim, uns eram bem mandados, a outros não se precisava mandar, a outros não se podia. Mandar seria um desrespeito. Não se mandava ao Joaquim Pimenta, era muito sério e trabalhador-de-por-si. Tinha cachorros magros e muito bravos! Piranha era uma cadela extremamente brava - ocasião, foi dada pra nós, trazida no cambão, pouco, se soltou de volta pro dono. Chamar na casa do Joaquim tinha que gritar de longe, cáaa da pedreira e com argum porrete ou pedrinha trazida escondida... Ninguém pode jogar pedra no cachorro dos outros não sô! Ô de-casa!...



Um que ficasse na sombra esperando o De-casa aparecer.

Maria Pimenta, mãe do Joaquim, mantinha um bule de café amargo e a cozinha muito limpa e areada. Brio -que dignidade! As xícaras penduradas em cada prego na prateleirazinha, pano de garfo na parede, garfos antigos desgastados e separados das colheres areadas com cinza.

Barro branco no fogão, toá pelas paredes por perto, quinas se arredondando em branco suavizadas no tempo. Bosta de boi lameada nos terreiros limpinhos pra secar o arroz. Um cheiro de chiqueiro limpo e barulhento. Tanto de varas de porcos: dos magros vindo, dos já se cegando com as banhas pela cara -um jeito porco de morrer.

Os Pimentas moravam perto do Sô Ricardo, o de detrás do arvoredado antigo -pau seco com casas-de-joão-de-barro encimadas -três gerações ali, pássaros no passar o tempo.



Sô Ricardo tinha -das vistas- a mais bonita! Sua casa ficava na borda de um vale suspenso, sobre lajão de pedra muito preta e vasto avanço pairando... avistando todo o vale-de-arrozal do Sô Dorico-faze-bico. De ali a gente tinha como uma revelação: Oh! Alá... é a estrada que chega lá em casa! Avistada de longe, riscando nos pastos -Era como se a gente descobrisse o outro-jeito da mesma coisa, como andar-de-roda percorrendo um grande O. Andando pelos caminhos do João -do Té, à pé.

João Carneiro e Nelito, Sô Xisto. A Zidorada toda: Otávio, Aurélio, Gricério, Odete, Maria, Aracy... todos os do Izidoro e Geralda -estes e os filhos destes amigos -tantos outros e outros, -haja!

A memória é graça que não se acaba!  
Verte da vida mesma.

Sô Ricardo era nosso barbeiro-no-fim-de-semana: velha navalha, pincel de palha, espuma de sabonete economizado, raspado fino até finir -Ancião alegre. Rivelino ria muito e tocava sanfona. Tonho tocava cavaquinho, ganhou um novinho, fez paletas de chifre... durou pouco: O Oliveiro se emburrou e tomou dele de volta. “Tonho foi morá longe... Sãopole... Belzonte... acho”, strudia o Tonho morreu, entre-folhas.

Pessoas rurais, admiráveis de dignas, iludidas com a vida urbana vão morar nas favelas, são confundidos na promiscuidade e ali significam nada!

A moagem continua. Chega candeeiro e junta de bois puxando zorra. Uma maneira engenhosa de transportar. A zorra é um veículo que desliza cheia de cana sem estragar o canavial. É uma forquilha de árvore grande, língua de cobra, um grande “Y” puxado pelo pé, com fueiros ladeando. Cheia de cana, a zorra desliza entre-folhas e alisa cheiros pelos caminhos do engenho.

Os meninos brincam -se é que brincam -puxando cana com as juntas de carneiros -como era divertido! As juntas de carneiros!



Carneiros quentes e macios -cobertores balindo béee! -cangas ornadas, correntes finas forjadas em ferro doce -uma arte!

Cana-caiana: a gente batendo e buscando o caldo -marcando brancos pelas pedras pretas -batendo nas tranqueiras e mourões, ia quebrando pra chupar. Chupando o doce pelos caminhos, salpicando bagaços secos: De volta já se via os bagacinhos passeando pelos carreiros de formiga. Iam.

O cão -é um sabidão. No baixo do carro-de-boi -não carece ensinar: Vai ele indo, língua de fora, mesmo passo, juntinho, no frescor da sombra, no estéreo da cantilena das duas rodas frisando, rolando, cantando hemmmm, alongando o baixo-contínuo. Vão desenhando pela estrada, os grafismos das rodas, das patas, do balanço dos mijos, das bostas repisadas. Este carro assim marca quando passa pelo chão.

No engenho: A Garapa! -Posso tomar garapa? -Às vezes se podia, às vezes não. Garapa tem que tomar cedo, de tarde faz mal: Mãe dizia pondo ponto no melado e cana no engenho: toca menino! -toca esse boi !!! Eu girando e girando boi... Tem um jeito fácil de fazer o boi girar: Cê amarra uma cordinha do chifre até o meio do pau



do engenho. Não gasta ensinar, todo boi gira no engenho. Às vezes cavalo gira também -outro jeito - no mais, era boi que puxava. Babava.

Joaquim cuida da taxa. Fervia os odores.

Outros, muitos outros, muita gente empenhada no a fazer do engenho e outros fazendo comida pros outros. Outro vai à cavalo vender leite na Rua -esse outro era eu.

Pra Rua, a Entre-Folhas que agora virou cidade, mas segue sendo a mesma Rua de sempre. Eu levava leite bom, sem água: “Leite da Nana-do-Roldão é bão!”.

Se dizia. Era.

Requeijão da mãe é bão demais! Até hoje, o melhor que já vi! Dona Eulália Amorino comprava e certo. Eu levava, quando ia pra Escola, ou ligeirinho à cavalo e já voltando. (Um dia desses recentes, até imitei: Fiz um requeijãozinho com esses leitinhos de cá. Imitância só -deu-me uma bolinha de nada!... lembrou, molhou meus olhos fechando no divagar.)

Outros, os meninos foram p’ra Escola. Estudam dimanhã ou ditarde? Estradas, corridas por meninada: à pé, à cavalo, levantando

poeira-vermelha que de longe se vê como fumaça subindo e de perto são árvores empoeiradas. Algum caminhão-eventual fedia gasolina. Perturbava o ar local. Compravam galinha. Vendiam biroschas, peão e aquelas balas coloridas em gomos como eram os globos escolares. Compravam gaioladas de canário-cantador dos cabeça-de-fogo.

O chapinha na cidade vira canário-de-briga... As cidades a todo mal ajuda. Os curios... seus cantos e flautas. Azulões, e bicudos se acabaram por lá.

O pai tá lá no Prata -a fazenda longe, viagem à cavalo, isolada e quente. Ele chega amanhã ou sexta tarde ao-por-do-sol...

Sábado vamos pra Igreja: à cavalo, de charrete, de à pé. A gente ia, ia e às vezes eu voltava correndo ao mesmo mando dissimulado do Pai:

-Vai, fala pra Nana preparar comida.

Comilança pra Pastor que veio de fora. A gente via. Os meninos comiam na cozinha, sujeitados ao comportamento ou se escapavam correndo em fila, em zomba e cantoria no terreiro: “Olha a cobra caninana -olha a volta qu’ela dá... repetia e contorcia” -era ótima a chacota -isso se pai não visse. Pastor Caninana e Tézinho... eram.

Os sacerdotes se enchiam e arrotavam com notável sotaque americanizado -mesmo os meio-brasileiros... Que estranha estrangeirice aquilo era! Paletós pretos...

Os urubus revoando seus currais -espreitando o gado...

Do boi, a carne, um se pode comer, no privilégio das acertadas ocasiões. Das outras, mesmo cheiroso sendo o naco, um não se pode comer das algumas carnes infernais:

Isso é pecado: comer corpo de porco sapecado.

Adventistas, os uns e o mundo-lá-fora. Ninguém podia trabalhar no Santo-Sábado -como mandam os mandamentos -mesmo quem não fosse adventista, crente, tinha que respeitar a fazenda -o das-tuas-portas-para-dentro do Roldão.

“Crente-do-cú- quente” zombavam da gente na Rua, o pessoal romano: meninos zombados os meninos-de-rua! A Pai zombava ninguém! Sábado era um dia grande -santificado ficando à toa. Almoço era fogo alto, a janta era aquecida ou esquecida, o pôr-do-sol era muito esperado: Pai no alpendre da Casa-Grande: a família cantava e juntos se ajoelhavam encerrando o Santo-Sábado. Dali se levantava já buscando afazeres -o cuidar da obrigação.

Vê que receita de Rapadura é-longa e é-não:

Falando só dela fica fácil: Vem a cana, moe, vira garapa, passa pra tacha, aumenta o fogo, ferve, escuma, depura, vira melado cheiroso, bate, bate, engrossa, tira o ponto de puxa-puxa, põe a bica..., onde a puxa-puxa fica, onde qualhava de marimbondo estático, ali deliciando... quietinhos horas e tempos. Acho que o mel da cana vicia os pobres... eu era um desses pobres. Disputava:

Na reserva das mangas os marimbondos eram meus aliados... Aqui não! Eu os evitava. Velho é que gosta - Helinho, diz que “diz que ferrão de marimbondo cura reumatismo... coisa e tal...”.



Remédio, seringa voadora, os bichinhos... Na roça tem até tudo! Tem marimbondo-fóssil: os caídos nas fervuras, que depois a gente acha, que depois a gente cata e fica limpa a rapadura.

Esse melado... -eu dizia- da bica cai no cocho, bate à rodo esfriando sem parar, areja e engrossa pastosa, -se bater muito vira João-branco -põe na bancada sobre pano úmido, entre varões e tabuletas de pau-preto. São estes os apetrechos que dão às rapaduras as formas vistosas que elas têm. Mais tarde, ou amanhãzinha, se desforma: maravilha! -aí estão as rapaduras as mais saborosas e novinhas lá de casa. Vende-se às cargas de cem, se embrulha uma-a-uma ou são levadas pro girau, sobre o fogão de lenha -Saboreie! Demorar é enfrentar o tempo-alcatrão.

A picumã enegrece e amarga às rapaduras também!

Vocês da cidade não sabem o que é uma rapadura! Comer uma rapadura! Aquele ‘tac’ seco se rompendo no dente. Antes ponha a faca pontuda, ponta pra baixo, balançando e forçando sobre a rapadura. A outra mão golpeia no topo do cabo desta faca pontuda. Aí a Rapadura cede -rompe -uma geleira se rompendo e se caindo ao mar.. isso dá gosto! é outra coisa e é igualzinho. Pega-se o pedaço maior, depois saboreia-se as migalhas jogando-as com a palma da mão na boca aberta, oca, é um jeito. Menino pega um naco e chupa aos poucos -lambe lambe melando boca e pondo mão pegajosa na gente -outro jeito. Uma faca bem no canto anguloso da Rapadura e ‘tac’: pancada na costa da faca. Arre!





É outro sabor quando a Rapadura é boa.

Tem rapadura-ruim, azeda, açucarada. A esfarelenta, esta não agüenta o teste d'água da minha Mãe: “Minha Rapadura pode por debaixo da bica que não desmancha. Soa bonito!” Dizia Nana e demonstrava batendo com seu dedo dobrado como quem bate numa porta trancada com mil segredos:

Escuta-se um som ressoando sino tinindo -quando a Rapadura é boa.

Existe o João-branco -uma Rapadura batida esbranquiçada e macia -fica até parecendo doce -parece Rapadura não. É diferente. Serve pra experimentar um pouco; é boa mas enjoa. Não se come o ano inteiro, não se põe na chaleira d'água p'ra fazer café -quase não se fazia chá, ninguém quase adoecia, mas asveis adoecia sim -chaleira - eu dizia -de água quente pra se lavar os pés. Dinoite. Dormir.

Gastam-se duas noites pra fazer boas tachadas de rapadura: a madrugada que passou e o anoitecer da noite que evem.

O engenho cochila três horinhas. Turmas se revezam, se revezam os bois. Os dentes tiritam um tac-tac de frio: É tempo-de-sêca, poeiras, estrada boa. O chão sofre seco, ávido de gota, sorve qualquer orvalhinho, um cuspe, restinho de garapa, o mijo do boi, o suor de quem nele se deita. Se argila sedento e ardiloso... faz mil trincas e se redesenha em fissuras: alfabeto que solo entende e que só entende o homem da terra: alfabeto que escreve um lamento solitário -por si afora: tô é morrendo de sede!

Reza o homem ou morrem juntos -ele e seu gado também. Há Deus de responder... Algum trovão... O arco-luz perto da lua continua... tarda a chuva na longa estiagem. Prossegue a moagem, os sabores, os cheiros se elevando aos céus, todos sobem... faiscam pirlampos tontos... ascendem saudades em mim.



A Rapadura -Pai raspava fininho -a gente comia com abacate. O abacate é ótimo! Já vem pronto -parte ao meio, tira a semente e no lugar, põe a Rapadura raspadinha. A casca já é uma tigela feita, se vai comendo, comendo... comendo devagar. Divagar...

Aqui..., Eu ia lá em casa esse fim de semana.

Fui não.

Fiquei quieto... A gente aqui nem não sai ?!

## SOBRE O AUTOR



**Elias Rodrigues de Oliveira** nasceu em 1951, em Entre Folhas - Minas Gerais, onde viveu infância rural. Vive em Belo Horizonte. Arquiteto pela UFMG, recebeu prêmios em concursos de arquitetura, é autodidata em Artes Plásticas e Literatura. Como Empreendedor Cultural fundou e preside o Instituto AVIVA. Artista e Arte-Educador, Elias realiza projetos culturais, publica livros de arte e fotografia abordando a cultura de natureza imaterial mineira. Recebeu, do Ministério da Cultura -Fundação Biblioteca Nacional, Bolsa para a conclusão do livro CORPOINTEIRO, no gênero poesia, publicado em 2013. Em 2014 publica no formato eBook o livro POEPROSA no gênero de contos e memórias. Em 2015, no formato eBook publica este livro RECEITA DE RAPADURA, crônica que relata vivências e memórias da minha infância no entorno do engenho de cana puchado à boi no ambiente da agricultura familiar mineira.

[eliasro@aviva.org.br](mailto:eliasro@aviva.org.br)

[www.blog-ero.net](http://www.blog-ero.net)



## RECEITA DE RAPADURA

na forma de crônica relata vivências e memórias da minha infância no entorno do engenho de cana puxado à boi no ambiente da agricultura familiar mineira. Compartilho esta RECEITA que tem entre seus ingredientes muitas fotos expressivas do ambiente rural.

**Elias Rodrigues de Oliveira** [www.blog-ero.net](http://www.blog-ero.net)

IMAGOZOI